

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 11 de Maio de 1856

N. 14

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

QUALQUER COUSA.

XII

*Cantate, diz que cantemos
Cantar novo, não usado....*

GIL VICENTE.

Vou escrever hoje umas *paginas intimas* em novo estilo.

A musa nada me dá de romantico — a vida real chama-me ao presente ; e a minha penna recusa escrever um periodo arrancado á força do pensamento.

Nunca gostei de forçal-o ; é por isso que todos os meus escriptos se resentiram demasiado da espontaneidade das idéas, desse colorido tão rapido que desaparece como se formou.

Sugeitar-me ás regras grammaticaes, como soem fazer aquelles que pretendem o nome de *litteratos profundos*, escrever um artigo — namorando o tecto da casa (dada a hypothese de que se escreva sob *coberta enxuta*) escolher a linguagem, variar de palavras, &c., &c., é tudo isto que pretendo sempre evitar ; é isto que eu chamarei affectação, mau gosto, e.... esqueceu-me o resto.

Andava ha muito tempo acariciando a idéa de que bem depressa poderia apresentar o meu programma — a minha profissão de fé, ou o que vos parecer chamar-lhe, leitores.

Tenho até aqui fallado dos outros ; — quero hoje fallar de mim. E' um direito que ninguém poderá contestar-me, a menos que aventurem uma observação que me occorreu agora. Não a escrevo, porque receio envolver-me em questões

d'alta importancia, as quaes me reduziriam ao mister de ridiculo.

Ridicularizado, eu ? !... esta idéa me causa calafrios !...

Perdão, leitores ; sei que desta vez o pobre escriptor das *paginas intimas* será apupado ; sei que estou de *caso pensado e rixa velha* provocando o vosso *bilis*.... conheço a verdade, mas já vos disse que a musa teimava em ser-me ingrata e que a minha companheira dessas horas de doce e profunda melancolia estava resolvida a pregar-me um logro.

E' por isso que appello para a vossa generosidade ; desculpai a penna e o escriptor....

Se a *Saudade* quizesse por complascencia aceitar em suas columnas uma critica geral sobre tudo que desafia o sorrir ironico ; se ella acolhesse a minha opinião a respeito de tanta cousa má que vai por esse mundo ; então eu vos affianço, leitores, que o meu nome seria levado á posteridade — conquistando uma reputação universal ! Principiaria por censurar todas aquellas pessoas, que podendo assignar a *Saudade*, não o tem feito, devido talvez á idéa de que ella é escripta por mancebos que começaram hontem a trilhar a difficil e espinhosa carreira das letras.

Censuraria a frieza com que se costumam acolher os talentos noveis, que morrem quando apenas tem começado.

Censuraria (aqui é que verdadeiramente vou começar) a moça solteira que faz da janella *telegrapho*, quando as *meias do papai* reclamam todos os seus cuidados

Censuraria as mesmas por gostarem tanto d'um baile, como eu anhele possuir a fortuna de um — *Monte-Christo*.

Censuraria ainda as meninas travessas, que podendo brincar com *bonecas* conquistam vaidosas o lugar que pertence ás que passaram dos 24.

Censuraria.... muita cousa, mas a *Saudade* é uma menina discreta e séria, que não lê pela car-

tilha das suas companheiras, e neste momento franzindo o sobrolho, me diz com polidez que devo fazer ponto final.

Não sem pedir desculpa aos leitores do logro que a minha penna.... maliciosa ! lhes pregou.

Com os pais da *menina* fiquem certos que me arranjarei. Ponto final.

Rio, 13 de Maio de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

O mysterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VIII

A religiosa, que appareceu, lançou um olhar furtivo para a igreja e dando com os olhos no *vulto negro*, deu um pequeno grito de surpresa. O *vulto negro* tinha ficado olhando estupefacto; um tremor convulsivo lhe agitava todo o corpo, e um suor frio lhe corria da testa : passados alguns instantes as forças lhe faltaram, um transporte d'alegria tão profunda lhe fez perder os sentidos e cahio no chão semi-morto.

Um padre que estava junto á elle, levantou-o e o fez carregar para a sacristia ; e ahí lhe principiam a administrar os remedios triviaes, para fazel-o tornar a si. O medico, que um criado tinha ido chamar chegou, só ao contemplar o estado do doente ficou aterrado e ainda perguntou se com effeito não estava morto !—Oh ! está phthisico são as agonias da morte ; é preciso confessal-o quanto antes, talvez não dure duas horas, já não ha esperanças, e é escusado tentar salvá-lo ; o proprio semblante o indica. O medico a custo o fez voltar a si, e conhecendo que não havia salvação, retirou-se. O padre o fez carregar e o collocaram em uma cama, que prepararam em um pequeno aposento, e assentando-se á cabeceira do doente, ficou só com elle ouvindo a confissão.

—Oh ! meu padre, a dôr me toma o coração, e custa-me a fallar.

—Ai !... tende paciencia.... Oh, eu fui muito peccador ; eu matei a um homem, que ousou apossar-se da mão d'uma mulher, que o céo tinha destinado, para ser minha esposa ! oh ! eu voltei de longe e achei-os casados ; o amor louco, me levou ao extremo ; jurei esquecer Amelia !.... oh ! ella aqui se acha !.... —O que dizeis ?...—

E' verdade !.... este desmaio foi porque depois de tantos annos, eu vi seu rosto ainda tão bello como dantes !.... oh ! e julgava que ella me amaria ; mas a fuga, era indispensavel para occultar meu castigo ; voltei, mas, oh Céos !.... ella tinha professado neste Convento !.... e eu ! o que me restava neste mundo depois que conheci que ella tinha-me sido fiel ? chorar nossa desgraça !.... e nunca mais abandonar este templo onde ouça essa voz de anjo ; rogando a Deos pelos peccadores !.... minha doença me vai matar, e eu com este trajo que adoptei, tenho passado sem ser conhecido, porque ainda ninguem ouviu de meus labios pronunciar o meu nome.... oh ! só vós meu padre ; eu sou Gustavo de Magalhães !.... nunca disse a ninguem nem se quer um adeus !.... oh ! e meu nome ? esse tinha ficado esquecido para mim mesmo... Padre, estou arrependido dos peccados que commetti ; mas em nome de Deos vos supplico, estou a expirar ; quero ver Amelia ! quero vê-la e morrerei satisfeito, quero ainda que ella me reconheça, e me perdoe !.... sim ! meu padre, é o ultimo pedido d'um moribundo !.... ide, que Deos vos abriará as portas do céo. O padre ficou commovido com as lagrimas do doente ; e levantando-se sahio.

Passados alguns minutos appareceu elle á porta e precedido por duas feiras, com os véos descidos. Uma era a madre abbadessa que vinha acompanhada de um freira.

O semblante cadaverico do doente exprimeo uma alegria tocante ; a voz ia-lhe faltando, as lagrimas corriam-lhe pelas faces. Assim que entraram o padre fechou a porta e a madre abbadessa descobrio o rosto da freira. O doente deu um grito abafado pela dôr, ao reconhecer o semblante de Amelia ainda ali tão bello. Amelia ficou aterrada ao contemplar o rosto descarnado do doente.

— Oh ! Amelia, eu vou morrer !... eu te perdôo porque fostes innocente, eu bem tarde conheci !.... Ah ! dize-me que me perdôas tambem para poder morrer descansado !.... Amelia então tocada no mais intimo do coração, agarrou a mão de Gustavo e banhando-a em lagrimas disse-lhe : Oh ! Gustavo !.... eu tudo te perdôo, porque o amor faz tudo !.... sim ! eu tambem te tenho visto muitas vezes contemplando-me, e tenho visto tuas lagrimas de arrependimento !.... Gustavo foi pouco a pouco perdendo o movimento, e dando

um gemido prolongado volveu os olhos para o padre, que lhe deu a absolvição; e expirou!

Amelia não sobreviveu muitos annos ao desgraçado Gustavo.

FIM.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

Sinto bastante que não queira comprehender-me, tornou Castro com ironia; mas, Mathilde pôde referir-lhe, o que ouviu á dias de Mme. Adelaide.

— Falla, Mathilde, replicou Carlos voltando-se para a joven, o que disse a Franceza a meu respeito?

— Que tudo quanto o Sr. tem dito della, a severidade com que se pronuncia sobre as suas menores acções, nasce de ter repellido com dignidade uma.....

— Acaba.

— Declaração amorosa que o Sr. lhe fez em casa do doutor Rego; completou a menina com voz tão sumida, que custou a entender.

— Porém, proseguio ella, para terminar a sua idéa, tenho convicção de que isso é uma calúnia.

— Pois bem, Sr. Castro, authoriso-o a declarar a essa mulher, que é uma infame!....

— Senhor.... Infame, sim, repetio Carlos com exaltação: porque senão peja de descer tão baixo! Infame, sim, porque esquece a sua dignidade de mulher, para se lembrar que não passa.... d'uma prostituta, accrescentou Carlos ao ouvido de Lourenço.

— Senhor!

Repita-lhe isto, diga-lhe que aquelle que pôde acabrunhal-a com linguagem nascida d'uma consciencia sem mancha, tem força bastante para domar qualquer sentimento em opposição aos deveres de homem honrado. Diga-lhe, em fim, que jámais sahirá de meus labios uma palavra lisonjeira para a mulher que se vende — para a mulher que negocia com a sua belleza!.... a mulher que traz na fronte o sello fatal da perdição!....

— Ousará lançar-lhe em face o que acaba de dizer-me?! perguntou Castro, rangendo os dentes com raiva.

— Hoje, amanhã e sempre....

— E eu venho proporcionar-lhe a occasião, atalhou uma voz.

Por um movimento espontaneo todos se voltaram para o lado d'onde ella partia.

— Madame!....

— Adelaide!....

— Inda esta mulher!....

Eis o triduo que se seguiu ao apparecimento dessa pessoa.

Mathilde levantára-se, e como o fizera á chogada de Lourenço, aproximou-se de Carlos.

Lourenço voltou-se unicamente pronunciando o nome da Franceza, com uma inflexão de voz que muito queria dizer.

Carlos contentou-se em levar o charuto á boca, expellindo pouco depois o fumo d'elle, que deslisando-se em graciosas espiraes foi bater no rosto da recém-vinda.

— Agradeço-lhe muito as boas ausencias que faz de mim, disse ella, fallando com Carlos; isso prova que tenho attributos.

— Attributos tão especiaes, Mme., que, como vio, despertaram-me a admiração.

A Franceza estremeceu a este sarcasmo, e continuou, com voz tremula pela raiva ou pela emoção.

— A experiencia me ha mostrado que não é possível destruir a impressão desfavoravel que produzi no Sr., a quem conheço apenas a um anno; com tudo quer essa impressão fosse ou deixasse de ser lisonjeira, o Sr. não devia insultar uma mulher como o fez ha pouco; e admira-me bastante que, vangloriando-se de respeitar as conveniencias da sociedade, procedesse em contrario comigo, que lhe não hei feito o menor mal.

— Pôde ser, Mme., mas não é essa a opinião do Sr. Castro.

— Sei pouco mais ou menos d'onde nasceu esta questão; seu tambem que um simples gracejo é bastante para ferir a sua susceptibilidade, mas estou certo que elle não o authorisava a pôr o meu nome no lugar que pertence aquellas a quem o Sr. ha talvez endereçado poemas.

— Obrigado, Mme., aceito a correcção; vou abjurar dos meus passados erros, e na primeira occasião opportuna irei depôr a seus pés o fructo d'alguns mezes de penitencia e oração.

— Os seus sarcasmos nada podem sobre mim — desculpo-os por partirem d'uma creança.

— Muito bem, estimo sobre modo saber o lugar que lhe pertence; esse seu dito convenceu-me de

que os meus calculos não falharam.... Que pena não ter eu alguns filhos !....

— Para que, Sr. Carlos ? Servir-lhe-hia d'avó !....

Mathilde que escutava os dous a tremer, comprehendendo que este ultimo sarcasmo ia produzir a erupção volcanica da cratera que se formára com a junção de tantos sentimentos oppostos, lançou-se aos pés do mancebo, e com voz pungente e afflictiva implorou-lhe que se retirasse, pois que não só ella como mais alguém desejava vê-lo no meio dos seus amigos, e não entre pessoas que tarde ou cedo se vingariam das suas exprobrações.

Carlos não cedeu ao pedido da joven, pelo contrario, insinuou-a de tal fórma, que, Mathilde, resignou-se, e foi sentar-se perto de Domingos, que silencioso e retirado, prestava summa attenção aos debates, como Carlos lhe chamára.

Lourenço continuava a ser mero espectador. Aquella alma corrupta e pervertida pensando, e com razão, que eram desnecessarios os seus apartes, pois que o seu auxilio nada faria ante a facilidade extrema com que a mulher responde aquillo que julga feril-a em seu amor proprio. Além d'isso elle se rigosijava em ver dous tão temiveis adversarios combater-se com armas iguaes.

A Franceza pareceu deixar escapar o ultimo sarcasmo de Carlos, mas pela resposta se comprehende que elle tinha produzido o desejado effeito.

— Queria ter filhos, disse ella ; é um desejo facil de satisfazer ; sei que Mathilde vai morar em sua casa, e....

— Se levantar a mão para uma mulher não fosse a covardia mais infame, eu forçal-a-hia a pedir-me perdão de joelhos do insulto que acaba de dirigir a uma innocente menina, que recusou consentir em suas indignas proposições ; é isto o unico mal que ella lhe tem feito, Mme.

— Mathilde, proseguio Carlos com menos exaltação, acompanha Domingos que vai conduzir-te a casa.

— Domingos, entrego-te Mathilde ; é desnecessario dizer-te o resto.

— Agora, Mme., perante Deos que me ouve, eu juro esmagar a cabeça da pessoa que ousar tocar em um só cabello daquella menina !

— Sr. Lourenço, achar-me-ha sempre prompto para o que determinar, mas que diga respeito unicamente a mim ; o juramento que fiz á pouco

estende-se a meu tio e Luiza ; livre-se d'envolver qualquer d'elles nos nossos negocios, porque em caso contrario eu terei força de vontade sufficiente para apanhar o lobo em seu covil.

— Mme., ao seu dispôr, Sr. Lourenço, *au revoir* !

E Carlos desappareceu pelo lado esquerdo, como se tivesse assistido a qualquer divertimento agradável. D'ahi a pouco ouvia-se ao longe uma voz fresca entoar uma canção amorosa.

Lourenço ficára tão sorprendido com o desfecho do drama que prevera, que não achou palavras para responder a Carlos.

A Franceza seguio com um olhar d'odio a direcção que tomára o mancebo, e dando um suspiro, disse baixinho :

— Apezar de tudo amo-o cada vez mais.

— Vamos, Sr. Castro.

(*Continúa*)

Os meus sonhos

ou

A HERANÇA DE MEU TIO.

(*Continuação.*)

Sim, proseguio um ultimo interlocutor, no qual reconheci o retrato do tio, os meus antecessores conquistaram para os nossos descendentes a justiça e a liberdade ; faltava diligenciar-lhes recursos ; aceitei esta tarefa de formiga. Graças aos meus esforços e á minha parcimonia, melhorei pouco a pouco a pequena herança legada por nossos pais ; engrossei as economias, engrandeci o patrimonio ; deixarei aos meus successores seis vezes mais do que aquillo que recebi, e, graças á severa probidade da senhora Felicidade, tudo chegará intacto ás mãos do meu herdeiro.

Por este modo ter-lhe-hei proporcionado vagar para que cultive a sua intelligencia, e liberdade para fazer bem, finalmente a felicidade de poder dedicar a sua vida aos outros, e de não ter de se occupar unicamente de si. Se fôr digno deste favor, estou certo que o saberá aproveitar ; que ha de conservar no fundo do seu coração algum reconhecimento para com o homem que lhe proporcionou esta bella empreza ; que longe de o escarnecer, ha de abençoal-o, e saberá sanctificar o que o velho tio economisou sobre si mesmo para generosamente o prodigalisar com os outros.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com

um accento tão penetrante, e tão profundo sentimento, que estremei a meu pezar, e... acordei!

A luz estava quasi a apagar-se, os velhos retratos nos seus lugares, o inventario e o livro de historia tinham cahido aos pés da cama; e reconheci que tudo isto não passára de um sonho!

Um sonho, ou antes a voz do bom senso, e da consciencia. Os velhos retratos eram bem realmente os symbolos do passado; cada um delles me recordava os serviços prestados por um seculo, por uma classe.

Eram elles que marcavam, por assim dizer, os passos do tempo sobre a estrada do progresso. Para quem sabia comprehendel-os, encontrava ali a glorificação da obra consummada pelos antepassados.

Assaltado por uma repentina idéa estendia a mão para as quasi escurecidas telas, como se ellas podessem vêr-me e ouvir-me.

— Ah! perdão! exclamei; perdão, velhos soldados, magistrados rectos, commerciantes probos, agricultores honrados, vós sois dos tempos que já foram; agora comprehendo o respeito que vos é devido. Tudo quando hoje possuo, e com que tanto me tornava vaidoso, foi grangeado por vossas mãos; o presente não é mais do que a consequencia do passado, e a tradição o instrumento do progresso. Perdão, ó vós que apenas conhecestes a arvore da sciencia ainda pequena, mas que a regastes com o vosso suor e vosso sangue; agora conheço que o meu orgulho era ingratição; mas reservar-vos-hei d'ora em diante um santo lugar na minha lembrança.

E vós tambem, vestigios de um tempo que já não sabemos comprehender, rusticidade de vossos pais, velhos e esquecidos usos, de hoje em diante não excitareis, nem os meus risos, nem a minha colera, porque saberei que sois as ruinas de uma civilisação que prehencheu a sua tarefa por isso deveis bem dizer sempre a vossos antepassados.

FIM.

SERPA PINTO.

Meditação.

Acabavam de soar nove horas na torre de Santo Antonio, minha alma triste, como o vago scismar da donzella, a quem pungem saudades do amante ausente, abandonava-se á meditação, revolvendo pelo páramo infundo do fantasiar, mas d'um fantasiar annuviado por uma dôr indefinivel,

dessas que fazem definir e não doem. Um céu argentado e puro, como sóe ser o dos paizes intertropicaes em noites de luar, deixa refranger em sua cupula nevada, o doce e meigo reflexo da rainha das trevas. A pequena distancia o mar, vera imagem do conflicto das paixões e do estuar das iras humanas, arrojava suas vagas, que estrepitosas cevavam sua raiva nos rochedos, que lhes bordam as praias. D'outro lado, como para contrastar o effeito desta perspectiva de marulho e agitação, divisava-se uma limpida lagôa, cujas aguas placidas, apenas de vez em quando abriam seu seio, para receber os beijos carinhosos do brando zephiro. No pincar de uma colina, em que me havia ido assentar, como que para interpôr um dique entre mim e os homens, entre o tumulto e o silencio, jazia debruçada no verde cochim de relva, que tapisa a montanha, a poetica e magestosa capella da Senhora da Guia: dirieis ao vê-la, ser uma fada benigna envolta em véo de branca garça, com olhos perscrutadores, a sondar os desatinos d'Amphitrite, e guiar com seu mago condão os nautas temerosos. No sopé do monte, offerecia-se ao indagador um cercado de rachões, simulando uma pocilga d'animaes suinos, e era entretanto a Necropolis — a morada da morte — d'uma cidade. Os pyrilampos apezar do claro reflexo da lua, deixavam por vezes entrever resteas de pallida luz; crerieis ao vel-os, que são as almas dos que ali jazem sepultos, que veem a horas mortas da noite, carpir o leito humido e immundo em que sepultaram seus corpos.

Que grandioso espectáculo não ministrava ao homem sensivel, o conjuncto destas perspectivas, com suas harmonias e seus contrastes! O mar com seus escarcéos; a terra com o seu remanso; a lua com sua meiguice, o céu com sua serenidade, o lago com sua doce quietação; o zephiro com sua alegria; e a Necropolis como sombra deste quadro lembrando-nos a idéa fatal da morte!!

O' meu Deos, dizia eu distendendo meus olhos por sobre este panorama, quanto é maravilhosa e admiravel a natureza! porém quanto mais poetica e sublime me pareceria ella, se eu a divisasse com os olhos do coração, e se nelle me germi-nasse um simples pensamento d'amor! Sim, as harmonias da natureza desafiam a admiração, e deleitam os sentidos, mas para que ellas sejam bem comprehendidas, releva, que no coração do homem vejeje essa flôr pudibunda, mimosa e perfumada, que se chama amor. Oh! Quanto é

acerba e triste a peregrinação nesta vida, sem um ente que nos comprehenda! A vida sem amor, é como um horto sem plantas, como uma lyra sem cordas, ou como a estatua imperfeita, em que o buril do artista não imprimio ainda animação; é finalmente, como a bonina funerea, que vegeta entre tumulos sem os adejos festivos da mariposa, nem o terno oscular do beijafôr.

Meu Deos, porque me não permittis vós, que depare em minha romagem mundana, um ser, complexo de bondade, meiguice e ternura, que me sorria, cujo coração se expanda no meu, que me diga emfim nessa linguagem doce e repassada de ternura: eu te amo, o universo para mim resume-se em ti?!!....

Eumenide fatal, que surgiste do Averno, para trasvasar em meu coração, o veneno de tua perfida ternura e o engodo lethifero de teus cantos de serêa, foste tu, que espesinhaste meus mais charos affectos, e que alquebraste minha sensibilidade com a mais horrivel das decepções. Longe de mim tua sinistra recordação, essa nuvem ferrenha que tolda meu ser ao evocar tua memoria, ha de dissipar ante o condão salutar de um anjo, que vós, meu Deos, fatigado de meu agonisar, haveis de mandar ao meu encontro. Meu Deos, permitti que esta esperanza não seja alguma utopia, pois que é a unica idéa que me amenisa esta vida tão açoutada pelas decepções!!!....

Cabo Frio, Abril 14.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

O sol e o amor.

Como é amavel e encantador, irmos mui cedo sentar-nos na encosta d'um monte, em uma dessas bellas manhãs, a contemplar os primeiros raios do sol, que vem despontando no formoso horisonte! Sim, como não diremos com o peito cheio de alegria, e a alma tocada por um divino sentimento, ao contemplarmos essa obra grandiosa de Deos!... Salve, ó manhã formosa, que vens trajando as mais lindas gallas que o Senhor te deu! Como deve nascer em nosso coração um amor puro, consagrado á obra grandiosa do Altissimo! São os primeiros raios do sol, que despontam na manhã mais bella, como os nossos primeiros amores, são ainda, como os sorrisos dessa donzella a quem dedicamos todos os nossos affectos. A brisa que brandamente nos sauda ao passar nesse momen-

to, o que dirá em seu doce murmurió!! Admirai a grandeza de Deos, diz ella! E quem não ha de admirar-a?! Temos que meditar nesse mysterio profundo do céo. E quem haverá inda nesta vida tão nescio, tão falto de comprehensão, para arrojarse a duvidar da existencia do Todo-Poderoso?! Não verá elle; em cada nuvem que passa, em cada arbusto que nasce o dedo gigante do Altissimo?!... Pois o amor que nos manda essa donzella no seu sorrir de innocência, é qual os raios do sol que despontam além, com seu brilho douorando os cumes dos mais elevados montes. Em uma, e outra cousa existe mui bella poesia. Oh! eu vos saúdo com os mais puros sentimentos; bem vindos sejais receber o tributo de minha admiração, e do meu amor.

Abril de 1856.

M. LEITE MACHADO.

POESIAS.

A borboleta.

Borboleta feiticeira,
Por que vens a qui pousar,
Tens a caso algum segredo
Que me queiras vir contar?

Vem dizer-me se brincaste
Com Eulina em seu jardim;
Me fallai toda a verdade,
Dizei não, ou dizei sim.

Se de leve nos seus dèdos
Tão mimosos te apertou,
E depois mui meigamente
Livrementemente te soltou.

E a vaidosa borboleta
Escutou o røgo meu,
E depois erguendo o vôo
Mal apenas respondeu:

« Illudido sois, mancebo,
Buscai Eulina esquecer,
Que tereis um desengano
E vos póde enlouquecer.

« Ella é falsa, muito falsa,
 Não vos póde pertencer ;
 Fugi, pois ao precipicio
 Se não quereis lá morrer.

Foi este o fatal segredo
 Que sem medo revelou ;
 E depois abrindo as azas
 Velozmente se occultou.

Vai-te, vai-te, borboleta,
 Para bem longe, vai sim ;
 Que teu segredo maldito
 Não o quero para mim.

Fiquei triste, ai bem triste,
 Na borboleta a pensar,
 E em segredo tão nefando
 Sem poder acreditar.

Desde então nunca segredos
 De ninguem eu quiz ouvir ;
 Por temer que me quizessem
 Qual borboleta mentir.

Maio de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Desengano.

Pedes-me, mulher, um canto
 Que t'exprima o amor santo
 Que eu outr'ora alimentei ;
 Pedes um canto subido,
 Um canto todo sentido ;
 Mas cantar não saberei.

Tu matas tes a poesia
 Que na mente reflectia
 Quando a sós pensei em ti ;
 Quando eu via a minha estrella
 A brilhar no céo mui bella,
 Essa estrella que seguiu.

Ah ! Incauto !... horas inteiras
 Doces esperanças, fagueiras
 A formar então passei,
 Quando entregue a doces sonhos
 Se deslisavam risonhos
 Os dias que então gostei !

Eu devia essa esp'rança fagueira
 Para sempre no olvido lançar ;
 Eu devia, mulher traioeira,
 Vis manejos, cruel, t'exprobrar.

Eu devia jámais doces cantos
 Por tua causa na lyra tanger ;
 Eu devia só cantos pungentes
 D'ironia, cantar, oh ! mulher !

Mas a lyra obedecia
 A' doce melancolia,
 Melancolia sem dor ;
 Pois que esse sentimento
 Me levava doce intento
 Emballado em meu amor.

Inda vens com teus sorrisos
 O passado me lembrar
 Inda vens dizer-me como
 Poderei, mulher, te amar ?

Mas teus sorrisos são falsos,
 Nada pódem sobre mim,
 E depois d'um desengano
 Imperar não vens assim.

Vae-te pois, teus juramentos
 Esquece-los saberei
 As promessas que fizeste
 Já de todo as olvidei.

Foi um triste desengano,
 Mas em mim rigor insano
 D'ora avante encontrarás ;
 Hei-de o ser teu juiz,
 Pois que a sorte assim o quiz...
 Ai ! mulher... perdida estás !...

Rio, Maio 10 de 1856

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Portugal.

Minha terra é a imagem
 Do celeste Paraíso ;
 E' de Deos Omnipotente
 O mais brilhante sorriso.

E' um solo abençoado,
A Patria aonde nasci,
As bellezas que ella encerra
N'outra parte inda não vi.

Tem cidades mui formosas,
Tem campinas deleitosas,
As fructas são saborosas
Como mais não podem ser ;
Produce linho para tela,
Tem o vinho e a canella,
Lá se escuta a Philomela
Pelos bosques a gemer.

Tem um céo onde as estrellas
Fulguram sempre mui bellas,
Tem a lua que como ellas
Brilha mais qu'em outra parte ;
Tem seus campos plantados
De trigos bem semeiados
Por pastores amestrados
Nesse fertil ramo d'arte.

Tem Coimbra, que tem dado
Ao mundo povo illustrado,
Tem esse Porto abastado
Pelo commercio que faz ;
Tem Lisbôa a graciosa,
Cidade rica e formosa,
Cuja barra deleitosa
Ao mundo franqueia em paz.

Tem os seus templos sagrados
Que já dos antepassados
A nossos avós legados
Attestam sua grandeza ;
Tem um nome engrandecido,
Respeitado e mui temido
Para aquelle que atrevido
A quer forçar á baixeza.

No commercio, nação forte,
Espalha do sul ao norte
Navios de grande porte
Com productos sem igual.
A minha Patria é sagrada,
Pelos céos abençoada
Em todo o mundo é cantada
Minha Patria—Portugal.

Quero muito á minha Patria,
Bella Patria ond'eu nasci,
Por que as bellezas que encerra
N'outra parte inda não vi.
Deos permitta que inda veja
Minha Patria um so momento,
E tranquillo no sen sólo
Tarde chegue o passamento.

Abril de 1856.

J. AUGUSTO DA SILVA GUTMARAKS.

Meus suspiros.

*Nem suspirar en sabia
Antes de te conhecer,—
Depois que vi teus encantos
Sei suspirar, sei morrer.—*

(C. P.)

Quando te ouvia cantar
Doce emoção eu sentia,
Era então mais venturoso,
« Nem suspirar eu sabia.

Logo que vi teus encantos
Senti minh'alma soffrer,
Já não era como outr'ora
« Antes de te conhecer.

Desejando sempre ver-te
Eu vivia sempre em prantos,
Lamentei a minha sorte
« Depois que vi teus encantos.

Desde já, oh ! quanto sinto
Men coração padecer,
Agora sou infeliz,
« Sei suspirar, sei morrer.

A. C. DA C.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 141.